

Ficção, História e Memória em Cinzas do Norte e Eu vos abraço, milhões

Prof.^a Dr.^a Haidê Silvaⁱ (ISEAP)

Resumo:

O objetivo do presente trabalho é discutir as possíveis relações entre Ficção, História e Memória nos romances Cinzas do Norte de Milton Hatoum e Eu vos abraço, milhões, de Moacyr Scliar. Partimos da hipótese de que ambos recorrem à memória enquanto estratégia narrativa para a reconstituição do passado, porém, cada um o faz da sua maneira. Enquanto em Cinzas do Norte a narrativa comporta uma multiplicidade de narradores, que recorrem às lembranças do passado para reconstituírem a história de Mundo, em Eu vos abraço, Milhões, temos apenas um narrador que também recorrer às lembranças do passado para contar a sua história ao neto. Assim, Ficção, História e Memória nos dois romances se relacionam a partir da memória enquanto estratégia narrativa, que recupera o passado problematizando-o através da ficção.

Palavras-chave: ficção, história, memória, Cinzas do Norte, Eu vos abraço, milhões

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar as relações possíveis entre ficção, história e memória, nos romances *Cinzas do Norte*, do escritor brasileiro contemporâneo Milton Hatoum e *Eu vos abraço, milhões* de Moacyr Scliar. E para tanto, serão discutidas questões a respeito do foco narrativo e das relações entre ficção, história e memória na narrativa contemporânea.

No que diz respeito ao foco narrativo, desenvolveremos a nossa investigação no sentido de demonstrar que no romance *Cinzas do Norte* não há um único narrador, ou seja, a narrativa é compartilhada entre pelo menos dois narradores principais, além das falas das personagens, sempre colocadas entre aspas, que contribuem muito para o contar da história. Assim, a narração de um complementa a do outro, diante da impossibilidade de apenas um narrador recorrer ao passado e recuperar a memória de um tempo perdido e distante. Em *Cinzas do Norte*, Lavo e seu tio Ranulfo, percorrem juntos o caminho na reconstituição do passado através da memória para que possam, (re)contar a história de Mundo.

Trabalhamos também com a hipótese de que a memória, nesse romance, constitui uma estratégia narrativa, e dessa forma, os objetos que servem para a recuperação do passado, como cartas, fotografias, os desenhos de Mundo, suas pinturas e suas obras etc., são fundamentais para que tio e sobrinho possam recuperar, através da narrativa, o tempo passado, a história de Mundo e o conflito entre a personagem principal e seu pai, descendente de uma família tradicional e decadente.

Assim, foco narrativo compartilhado e memória como estratégia narrativa, ou seja, como recurso para a recuperação do passado e da história pessoal e social daquele momento específico, constituem, para nós a ponte ou o elo da relação entre ficção e história nesse romance de Milton Hatoum, uma vez que o passado recuperado através da memória permite que a ficção problematize a história enquanto questiona o passado.

Já o romance *Eu vos abraço, milhões* de Moacyr Scliar, é narrado em primeira pessoa. Valdo, o narrador, é também personagem principal da história que narra e tem como interlocutor o seu neto americano. Nesse romance, lembrar é muito importante enquanto estratégia narrativa, pois

é através das lembranças do passado, que o narrador, no presente, reconstitui a sua história para contá-la ao neto.

2 O narrador em Cinzas do Norte e Eu vos abraço, milhões

Optamos por começar a investigação a que nos propomos neste trabalho a partir da compreensão do foco narrativo, justamente porque acreditamos que entender o percurso feito pelos narradores é fundamental para que possamos compreender a relação entre ficção, história e memória nessas narrativas.

Em *Cinzas do Norte*, o foco narrativo é partilhado por dois narradores principais: Lavo e seu tio Ranulfo. Quando o narrador é Lavo, percebemos que este se esforça para organizar o todo do discurso narrativo, no entanto, há informações sobre o passado que ele próprio desconhece, e que são complementadas pelas vozes dos demais narradores e personagens.

Lavo se propõe a nos contar a história de seu amigo Mundo através da memória que guarda da infância e juventude que ambos compartilharam em Manaus. Lavo é um narrador em primeira pessoa que também é personagem da história que conta e, de certa forma, podemos dizer que ele é um narrador privilegiado pela proximidade que tem com a personagem principal, objeto de sua narrativa e de sua visita ao passado através da memória.

A história de Lavo está entrelaçada na história de Mundo e por isso, à medida que o narrador revisita o passado em busca da história do amigo está fazendo o mesmo com a sua própria história, pois os mistérios que cercam o passado de Mundo também obscurecem o passado do próprio narrador, que era órfão e foi criado pelos tios Ranulfo e Ramira, com os quais compartilhava uma vida bastante modesta.

Nossa casa na Vila da Ópera nunca ficou em ordem: o trabalho da costureira multiplicava panos, retalhos e moldes, e, vez ou outra, tio Ran levava para lá Corel e Chiquilito, dois amigos que começavam a fumar e beber antes da caldeirada de sábado; acabavam dormindo no assoalho, perto da porta aberta para a servidão, pois Ramira os proibia de pisar na saleta de costura; na manhã de domingo acordávamos com os discursos de um e outro, que defendiam ideias amalucadas sobre uma revolução no Brasil. Os assuntos eram variados e cruzados: reforma agrária, pesca de tambaqui, festa a bordo de um navio, o mais novo prostíbulo de Manaus Iam embora quando nem mesmo eles se reconheciam, deixando no chão um monte de pontas de cigarro e palitos de fósforo, copos com bebidas misturadas e um azedume que impregnava a saleta até a faxina seguinte. O resto do domingo se arrastava, a casa ficava tão enfadonha que eu e minha tia íamos passear no balneário Quinze de Novembro. Ela aturava a esbórnica porque o irmão, desde a morte do meu pai, se tornara o “homem da casa”. (HATOUM, 2010. p. 16-17)

O narrador pertence a uma família desfavorecida economicamente, que vive à margem da sociedade manauara, mas que mantém laços misteriosos com a família de Mundo, e que só podem ser explicados pelo desvendamento de segredos do passado, principalmente aqueles relacionados ao casamento de conveniência feito por Alícia: “Cresci ouvindo meus tios brigarem por causa de Alícia, que tinha morado num bairro vizinho, o Jardim dos Barés. Uma história anterior ao meu nascimento que, no entanto, ainda era comentada no Morro da Catita e parecia não ter fim”. (HATOUM, 2010. p. 18).

A primeira vez em que o narrador foi à casa de Alícia, ela o descreve da seguinte maneira: “Lavo é muito tímido, prosseguiu, dirigindo-se ao marido, ficou órfão antes de falar mamãe. E que mãe ele ia ter”. (HATOUM, 2010, p. 22)

Ranulfo, quando narra, já não se dirige a nós leitores. Ao contrário de Lavo, a narrativa de Ranulfo tem como leitor pressuposto Mundo, a quem o narrador se dirige para esclarecer o

relacionamento que manteve com Alícia, a origem dessa mulher misteriosa, e muitas outras coisas que fazem parte de um passado também misterioso, que esconde e ao mesmo tempo explica a origem de Mundo. A narrativa de Ranulfo aparece logo após a de Lavo, e se diferencia desta, no romance, por aparecer em páginas separadas e em itálico, mas sempre no mesmo capítulo, como se complementasse o que foi narrado antes:

Eu e tua mãe tínhamos brigado feio na festa de casamento de um homem que ela considerava um parente remoto: o último Dalemer da cidade, um boçal que nunca dera a mínima para as duas irmãs. (...) Pensei que fosse mais uma briga das tantas que tivéramos nos últimos meses; pensei também que ela voltaria ao clube, mas a noite foi passando sem a presença de tua mãe. (...) Sai daquele funeral e fui caminhando até o igarapé, onde acordei um canoeiro que me levou ao Morro. Fiquei escondido no matagal, enciumado, pensando que havia alguém, um homem dentro de casa. No vão da porta apareceu uma moça segurando um candeeiro. Pela altura e pelo andar reconheci Algisa. (...) Fui falar com ela (...) “Que estás fazendo aqui fora?”, perguntei. E logo em seguida quis saber por onde andava Alícia. Algisa, com a voz parecida à da tua mãe, perguntou: “Não foi pra festa contigo?”. “Saiu sozinha do Bosque”, eu disse. E desconfiei: “Tua irmã está lá dentro com alguém”. Algisa espichou os lábios: “Vai lá e espia”. Entrei, vasculhei a casa, aí percebi que alguma coisa tinha acontecido na vida da tua mãe. Observei a cozinha, fui até os fundos e vi uma geladeira nova, e voltei para o quartinho onde as duas dormiam e abri o guarda-roupa que eu mesmo encomendara de um marceneiro do Morro e senti o sangue ferver. “Quem é?”, gritei. Algisa se assustou. “Como assim, quem é?” “O homem, o namorado de Alícia”. Ela gaguejou: “Não tem homem nenhum, não”. “Não? E a geladeira, as roupas novas? Por que ela mentiu pra mim? Vocês não têm dinheiro pra comprar essas coisas. Quem foi que deu?”. (...) Com quem Alícia andava? Algisa não respondeu, mas disse coisa pior: “Minha irmã... encontrou um rapaz rico, vai casar com ele”. Foi então que, (...) comecei a odiar teu pai. Senti ódio e ciúme de Jano, e me arrependo de não ter contado tudo pra ti... (HATOUM, 2010. p. 41)

Da narrativa de Ranulfo, podemos concluir que apesar da proximidade que este mantinha com a personagem principal, Mundo faleceu sem saber exatamente que tipo de relação houve entre ele e Alícia no passado. Dessa forma, Ranulfo, enquanto narrador, resolve então dirigir-se a Mundo para desvendar os mistérios do passado que poderia explicar muitas coisas, inclusive o ódio entre o pai (Jano) e filho (Mundo), que nunca suportaram a presença um do outro, como se soubessem que na verdade a única ligação que havia entre eles era o casamento de conveniência feito por Alícia.

Assim, há vários narradores em *Cinzas do Norte*, e cada um tem a função de (re)contar a história do outro: Lavo, que seria uma espécie de narrador organizador de todo o romance, nos (re)conta a história de Mundo. Ranulfo, que complementa a narrativa de Lavo, se dirige a Mundo para (re)contar a história de amor que viveu com Alícia, antes e depois do casamento dela com Jano. Alícia (re)conta a história de Lavo, dando pormenores a respeito de sua mãe falecida, pois o narrador parece ignorar as circunstâncias de falecimento de seus pais.

Ramira, por sua vez, (re)conta a história de Alícia de uma perspectiva negativa, e sempre que pode, culpa-a pelo fracasso de sua família, e especialmente pela influência que sempre exerceu sobre seu irmão Ranulfo. A narrativa de Ramira, no que diz respeito a Alícia, está em oposição a narrativa de Ranulfo, o homem apaixonado, que talvez nunca tenha conseguido perceber as verdadeiras intenções de Alícia, de acordo com o ponto de vista da irmã.

Eu vos abraço, milhões de Moacyr Scliar, é um romance narrado em primeira pessoa, cujo narrador, Valdo, é também personagem da história que conta, e tem como interlocutor o seu neto americano. Então, dirigindo-se a esse suposto leitor, Valdo conta a sua aventura de adolescente em busca de um líder que pudesse formá-lo para a militância no Partido Comunista Brasileiro. O narrador, já em idade madura, e da casa geriátrica onde mora, segundo ele por opção própria, pretende então narrar a esse neto distante as suas recordações:

De uma coisa posso me orgulhar, caro neto: poucos chegam, como eu, a uma idade tão avançada, àquela idade que as pessoas costumam chamar de propecta. Mais: poucos mantêm tamanha lucidez. Não estou falando só em raciocinar, em pensar; estou falando em lembrar. Coisa importante, lembrar. (...) Vejo-me diante de uma espinhosa tarefa: combinar muito bem a vivência interior, representada sobretudo pela recordação e pela reflexão, com a vivência exterior, inevitavelmente limitada pela solidão, pela incapacidade física, pelo fato de que tenho mais amigos entre os mortos do que entre os vivos. E, de novo, qual a fórmula adequada para essa combinação? (SCLIAR, 2010. p. 7-8)

Valdo se sente encorajado a narrar as suas recordações porque o neto, em uma carta, pergunta-lhe se é feliz, e além disso, afirma que está em busca de suas origens e queria saber tudo sobre o avô. Então, a partir dessa necessidade de conhecer as origens mencionada pelo neto americano, o narrador começa a recontar detalhadamente a sua história, através das lembranças que guarda na memória.

3 Ficção, História e Memória em Cinzas do Norte e Eu vos abraço, milhões

O romance *Cinzas do Norte* inicia-se por uma espécie de prefácio que antecede o primeiro capítulo e que a nosso ver justifica o empreendimento narrativo realizado na obra:

LI A CARTA DE MUNDO num bar do beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país. Uma carta sem data, escrita numa clínica de Copacabana, aos solavancos e com uma caligrafia miúda e tremula que revelava a dor do meu amigo. “Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase um milagre... Sinto no corpo o suor da agonia”, é o que se lê pouco antes do fim. Na margem da última página, estas palavras: “meia-noite e pouco”. Talvez tenha morrido naquela madrugada, mas eu não quis saber a data nem a hora: detalhes que não interessam. Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude. Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitos no Brasil e na Europa, na vida à deriva a que se lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro e repetisse a cada minuto a frase que enviou para mim num cartão-postal de Londres: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”. (HATOUM, 2010. p. 7)

Do fragmento citado acima, depreendemos que o empreendimento de escrita desse romance se justifica pelo fato de o narrador ter recebido uma carta de seu amigo Mundo. A carta sem data e que provavelmente fora escrita no hospital, durante os últimos momentos de vida desse amigo, além de expressar o sofrimento de Mundo, expressa também o seu último desejo: o de reescrever a sua vida de uma perspectiva diferente da realidade vivida, que poderia ser “de trás para frente, de

ponta-cabeça”, a ordem na realidade não importa.

Diante da impossibilidade da escrita declarada por Mundo, o narrador toma a si a tarefa de reescrever a história daquela vida de quem optou pela revolta em vez da “obediência estúpida” e lançou-se sem medo a uma vida à deriva, “como se quisesse rasgar-se por dentro”.

Lavo empreende então um processo narrativo no qual a reescrita do passado de Mundo parte do mergulho dessa personagem principal num conflito familiar que de certa forma explica a origem e o desfecho do seu drama pessoal. Nesse contexto, a memória torna-se uma estratégia narrativa, que empreende a reescrita do passado através de alguns recursos como cartas, fotografias e outros objetos capazes de ajudar o narrador na reconstituição do passado.

O narrador lembra-se de que desde o ginásio no Pedro II o amigo se comportava de uma forma estranha e diferente se comparada aos demais colegas e além disso, Mundo também tinha dificuldade para obedecer às regras disciplinares e preferia o isolamento à companhia dos demais alunos:

As regras disciplinares o transtornavam; mesmo assim, o desleixo da farda e do corpo crescia, enraivecendo os bedéis: cabelo despenteado, rosto sonolento, mãos sujas de tinta; a insígnia dourada inclinada na gravata, o nó frouxo no colarinho, ombreiras desabotadas. Ele usava uma meia de cada cor, arregaçava as mangas, não polia a fivela do cinturão (...) sentava atrás da última fila, isolado, perto da janela aberta para a praça. Nos dias de chuva forte, passava o recreio em pé, diante dessa janela, observando as árvores que a tempestade derrubara, os jacarés entre as pedras, as aves aninhadas à beira do pequeno lago, alguém sentado num banco, solitário, à mercê das rajadas, e mais longe – naquela época o horizonte ainda era visível -, as casinhas de madeira inundadas ou submersas e os barcos e canoas emborcados ou à deriva nos igarapés do centro de Manaus. (HATOUM, 2010. p. 10)

Além da vocação para indisciplina e isolamento, o narrador nos apresenta uma informação crucial para a compreensão do conflito familiar e social no qual Mundo está inserido: a inclinação que manifestou desde cedo para as artes “Falava com entusiasmo de artistas famosos e de anônimos, e parecia embriagado pelas imagens” (HATOUM, 2010. p.14).

O problema é que o menino Raimundo gostava de desenhar, pintar, fazer caricaturas e isso era inadmissível tanto para o pai, o Doutor Trajano, que esperava dele um herdeiro para assumir o seu posto na Vila Amazônia, quanto para os militares, que precisavam manter as coisas sobre controle durante o período de Ditadura, e nesse contexto, qualquer forma de manifestação artística poderia ser extremamente perigosa para a manutenção do regime autoritário

As primeiras caricaturas causaram alvoroço no Pedro II: apareceram na capa dos quatrocentos exemplares do *Elemento 106*, o jornaleco do grêmio. Destacava-se o desenho do semblante carrancudo do marechal-presidente: a cabeça rombuda, espinhenta e pré-histórica de um quelônio, o corpo baixote e fardado envolto numa carapaça. Ao redor das patas, uma horda de filhotes de bichos de casco com feições grotescas; o maior deles, o Bombom de Aço, segurava uma vara e ostentava na testa o emblema do Pedro II. Um mês de suspensão para os redatores, dez dias para o artista, e apreensão do jornal. Mesmo assim, a capa do *Elemento 106* ficou exposta por toda parte: nos banheiros, na cantina, nas lousas, na porta da sala da direção. Era arrancada e rasgada, e reaparecia no dia seguinte, apesar das rondas dos bedéis, e das ameaças de punição e até de expulsão. (HATOUM, 2010. p. 14)

Mundo não se deixou intimidar pelos dias de suspensão e continuou desenhando para a infelicidade e irritabilidade dos colegas e desespero do pai, cujas relações sociais o menino compreendia muito bem. E isso fica muito claro quando no jantar de comemoração do aniversário

de quarenta anos de Jano, Mundo aponta para os convidados e descreve-os para Lavo da seguinte forma:

Aquele grandalhão ali é o Albino Palha... amigo e conselheiro do meu pai. Exporta juta, castanha e borracha. Se dependesse dele, exportaria até os empregados da Vila Amazônia. Palha é um solteirão... se derrete todo na frente dos militares. Olha como bajula os caras. Só falta pentear o bigode do mais alto, o coronel Zanda, que Jano vive dizendo que é o preferido do Comando Militar da Amazônia. O outro é o tenente Galvo, ajudante de ordens do Zanda. Aquele esqueleto corcunda é presidente da Associação Comercial. Tem vários apelidos: Caveira de Bigode, Heródoto... Sabe de cor as datas dos grandes feitos da história. Quando fala, parece que está numa tribuna. O lesão se considera um historiador, e a mulher dele, aquela vassoura torta, manga o tempo todo do seu amado Heródoto. Os outros são cupinchas e penetras. Minha mãe odeia essa gente. Já está bebendo... (HATOUM, 2010. p. 34)

Para Mundo, o interesse do pai pela arte é apenas uma questão de conveniência: “Ouve música clássica só para dizer que conhece essa ou aquela sinfonia ou sonata. Vive citando um maestro ou pianista famoso, uma orquestra... Não é difícil impressionar o coronel Zanda”. (HATOUM, 2010. p. 49)

De fato, Jano ocupa um lugar na sociedade que o obriga a manter as aparências justamente para preservar o status social que detém. E é justamente em nome desse papel social, que Jano decide mandar Mundo para o Colégio Militar, quando este é expulso do Colégio Brasileiro porque discutiu com um professor que defendia o regime militar.

Alícia (a mãe) e Lavo (o amigo e narrador do romance) ponderaram que seria melhor que Mundo fosse estudar no Rio de Janeiro, mas ele decidiu que não fugiria do pai, ao contrário, ia ficar em Manaus e enfrentá-lo, e justamente para começar o enfrentamento, resolveu que iria para o Colégio Militar, não para satisfazer a vontade do pai, mas para provar que nem a disciplina e treinamentos rigorosos daquela instituição de ensino seriam capazes de corrigi-lo, isto é, de fazer com que ele perdesse o interesse pelas artes e se tornasse um filho exemplar e herdeiro da Vila Amazônia.

Mundo entrou então para o Colégio Militar, aguentou firme as regras de disciplina e os treinamentos, e nos dias de folga, que geralmente passava na companhia de Lavo e Arana, aparecia com escoriações pelo corpo, mas não comentava com os amigos o que acontecia durante os treinamentos dentro e fora do Colégio.

A personagem enfrentou bravamente tanto a repressão paterna quanto a dos militares, através de sua arte que denunciava e constrangia a todos, principalmente ao pai, de quem os militares esperavam que tivesse autoridade sobre o comportamento do filho. É claro que Mundo também sofreu como ninguém as consequências desse enfrentamento. Após o falecimento do pai, mudou-se para o Rio de Janeiro com a mãe, que nesta ocasião já bebia e jogava tanto, que em pouco tempo fora obrigada a se desfazer do patrimônio deixado pelo marido.

Enquanto Alícia permaneceu no apartamento da família, Mundo finalmente pode fazer uma viagem à Europa para aprofundar os seus conhecimentos artísticos. Sem recursos financeiros, ele sobreviveu praticamente da ajuda de amigos e da venda de suas obras. Depois de algum tempo, retornou ao Brasil muito doente e faleceu numa clínica em Copacabana, na qual escreveu a Carta endereçada a Lavo, que motivou a escrita do romance.

Em *Eu vos abraço, milhões*, Valdo conta ao neto que nasceu no interior do Rio Grande do Sul, nos arredores da cidade de Santo Ângelo. Era filho de um capataz de estância e sentiu-se constrangido e revoltado quando presenciou a atitude submissa do pai diante do estanciero, o coronel Nicácio. E, a partir daquele momento, decidiu que a ocupação mais importante de sua vida seria um projeto revolucionário de mudança social. Foi então iniciado nas leituras do *Manifesto Comunista* pelo filho de sua professora de língua portuguesa, o Geninho, que, no entanto, antes de

apresentá-lo formalmente aos seus companheiros de célula, faleceu em consequência de um câncer.

Ao sair do cemitério, jurei a mim próprio que, em tributo à memória de Geninho, dedicaria minha vida aos ideais do comunismo: à luta contra o capitalismo, o latifúndio e o imperialismo, à construção de uma nova sociedade. E, para isso, viajaria para o Rio de Janeiro, procuraria Astrojildo Pereira, ingressaria no Partido. (SCLIAR, 2010. p. 57)

Após a morte de seu amigo Geninho, Valdo partiu então para o Rio de Janeiro, com a intenção de cumprir a promessa e de tornar-se, de fato, um militante do Partido Comunista. Apesar das inúmeras dificuldades, entre elas a financeira, conseguiu embarcar em um trem de carga por um preço bem menor do que o custo de uma passagem normal e finalmente chegou ao Rio de Janeiro e, mesmo que tenha ficado deslumbrado com o movimento da cidade grande, Valdo sabia que na realidade o que estava vendo ainda não eram as massas organizadas que pretendia liderar, pois sabia que para que pudesse liderar as massas era necessário procurar as pessoas adequadas que estivessem dispostas a lutar sob a sua liderança. E apesar de convicto de que estava realmente destinado a liderar as massas rumo à revolução, Valdo não tinha certeza se conseguiria cumprir com êxito tal destino, o que fica explícito quando compara O Pampa, O Mar e As Massas:

O mar, vasto mar, era muito diferente do pampa, a grande planície ondulada na qual eu vivia. O pampa, ainda que imenso, era quieto, plácido, inocente mesmo; já o mar não, o mar era agitado, misterioso. No pampa, boizinhos pastavam, aguardando o momento de serem abatidos; no mar, nas profundezas do mar, criaturas misteriosas e ameaçadoras, polvos, tubarões, arraias, moviam-se em silêncio, prontas a atacar. O mar era poderoso como as massas, mas enigmático como as massas. Seria eu capaz de entender as massas? Seria eu capaz de conduzi-las? Ou sucumbiria à tentação do capital tornando-me um burguês fútil como aqueles que saíam do Copacabana Palace em roupa de banho e iam para a praia? Para eles, o mar era apenas diversão. Para mim, não. Para mim o mar carregava, em suas ondas, mil presságios. O mar anunciava que meu destino era incerto e que ainda teria de enfrentar muitas vicissitudes. (SCLIAR, 2010. p. 71-72)

Quando finalmente encontrou um companheiro recomendado pelo amigo Geninho, ficou surpreso e decepcionado porque ninguém sabia onde encontrar o líder comunista Astrojildo Pereira. O companheiro Hércules acolheu-o em sua casa, mas o tempo foi passado, e nada de receberem notícias do líder comunista. A situação na casa de Hércules tornou-se insustentável, pois nem o dono da casa e tampouco o hóspede suportavam a hostilidade de Teresa. E para resolver o problema, Hércules conseguiu então um emprego para Valdo na construção do Cristo Redentor e também uma pensão no bairro Cosme Velho.

Valdo, a princípio, não acreditou que um militante comunista teria a coragem de mandá-lo embora de sua casa e muito menos de sugerir que ele trabalhasse justamente na construção de um monumento religioso. No entanto, percebeu que não tinha escolha, Hércules já havia decidido por ele e, portanto, deveria apenas aceitar e parecer animado com o novo desafio. E foi exatamente o que fez, quando no dia seguinte Hércules o apresentou ao mestre de obras Joaquim.

Cumprir a missão para a qual se sentia destinado era algo que parecia estar cada vez mais distante de acontecer, justamente porque ninguém sabia o paradeiro do líder comunista capaz de formá-lo para a militância. Além disso, Valdo ficou mais confuso ainda quando Hércules o procurou para dizer que havia uma crise no partido que o colocava em oposição ao grupo de Astrojildo Pereira. Nessa ocasião, e em consequência da crise partidária, Hércules definiu o líder comunista tão estimado por Valdo da seguinte forma:

O Astrojildo é inconfiável, é volúvel, muda mais que cata-vento. O Astrojildo já foi anarquista. O Astrojildo já defendeu a tese de que os proletários têm de se unir com os pequeno-burgueses. O Astrojildo, que é metido à intelectual, já escreveu para revistas burguesas, até com o Mário de Andrade ele colaborou. O Astrojildo foi companheiro de pensão e amigo do Di Cavalcanti, aquele que para vender quadros só pinta mulatas. O Astrojildo é fã de um escritor reacionário, o Machado de Assis. O Astrojildo é contra a disciplina, o Astrojildo quer ser revolucionário à moda dele, ou seja, é um caso escarrado de individualismo burguês disfarçado de militância. Astrojildo Pereira? Não me fale desse sujeito, Valdo. Se você quer continuar sendo meu amigo, não me fale desse sujeito. (SCLIAR, 2010. p. 146)

Valdo prossegue a narrativa, contando ao neto a sua história frustrada de pertencer ao Partido Comunista e de liderar as massas no caminho da revolução. Conta também ao neto que o país passava por um momento difícil, ou seja, a ditadura militar e que o seu filho Fernando, ou seja, o pai desse neto americano ao qual ele se dirige, também foi vítima de perseguição política, e por esse motivo, foi estudar nos Estados Unidos e dessa forma esclare ao neto as origens que ele tanto queria conhecer.

À medida em que vai se lembrando do passado num processo de reconstituição dos acontecimentos pessoais e históricos para contar ao neto, o narrador percebe que não tinha, e nunca teve, respostas para os seus questionamentos de adolescente, ou seja, ele nunca teve a certeza de que seria mesmo capaz de liderar as massas e também nunca soube se fez a escolha certa quando terminada a obra, e finalmente inaugurado o Cristo Redentor, decidiu retornar ao sul para viver em companhia de sua mãe em vez de permanecer procurando uma forma de ser admitido no Partido Comunista. E apesar das possibilidades de encontrar respostas, através de uma narrativa reflexiva empreendida pelo narrador, acreditamos que a relação entre ficção, história e memória neste romance é de problematização. Em outras palavras, a ficção problematiza a história através da memória nesse romance de Moacyr Scliar.

Conclusão

No que diz respeito a *Cinzas do Norte*, podemos dizer que empreendendo uma narrativa não linear, pois a lembrança do passado através da memória não obedece exatamente a ordem em que os fatos aconteceram no momento real, os narradores que compartilham a narrativa do romance reescrevem a história de Mundo e também as suas próprias histórias de uma perspectiva diferente daquela vivenciada no momento real ao qual se referem.

A narrativa compartilhada promove um retorno ao passado, que embora fragmentado pela memória coletiva - já que para um único narrador seria impossível recuperar através da memória e tampouco esclarecer os acontecimentos passados - se não revela todos os mistérios que obscureceram o passado dos narradores-personagens, de certa forma provocam uma reflexão a respeito dos acontecimentos passados e nos ajudam a compreender o drama familiar e coletivo que envolveu a personagem principal e que a obrigou a tomar uma decisão que fosse capaz de livrá-la do conflito no qual estava inserida. E como já sabemos, Mundo escolheu a revolta em vez da obediência estúpida, naquele contexto social em que a revolta era expressamente proibida e que o caminho mais sensato talvez fosse justamente obedecer mesmo que estupidamente.

Assim, o passado de Mundo é recuperado e a história problematizada através da ficção com a ajuda da memória, cujas lembranças trouxeram para dialogar com o presente, acontecimentos passados que se não esclarecem de todo, problematizam as ações e as escolhas feitas por todas as personagens. Recontar a história de Mundo de trás para a frente, de ponta-cabeça, faz com que todos os narradores façam o mesmo com as suas próprias histórias, encontrando-se uns com os outros, à medida em que se reencontram com Mundo.

Em *Eu vos abraço, milhões* a ficção problematiza a história a partir dos procedimentos de um narrador que se distancia no tempo e no espaço e que, em idade madura, resolve rever o seu passado, contando-nos assim, a história particular de um adolescente que tinha como objetivo

tornar-se um líder revolucionário e como tal, liderar as massas a caminho da revolução.

Este narrador, maduro, já velho, de acordo com a descrição que faz de si mesmo, parte do pretexto de que o seu neto americano enviou-lhe uma carta na qual declarava estar em busca de suas origens, e para tanto, precisaria saber tudo a respeito do avô, como já dissemos anteriormente. Dessa forma, a relação entre ficção e história mediada pelo foco narrativo de quem se coloca como sujeito da história que conta, nos faz pensar que o narrador não se limita a relatar os fatos enquanto testemunha dos acontecimentos históricos, mas ao contrário, ele relata e comenta os fatos, explica e justifica, e às vezes parece pretender desculpar-se por não ter agido de outra maneira.

Devemos considerar ainda que o narrador, apenas quando se encontra em um momento de sua vida, que ele mesmo define como idade madura, tem condições de rever a sua história, e esta revisão, embora a princípio nos pareça centrada em aspectos subjetivos, atinge também a história das lutas sociais no país, a crise na economia brasileira provocada pela quebra da Bolsa de valores de Nova York, as falências provocadas pelo excesso de café brasileiro disponível no mercado, a queima do café, o Estado Novo de Getúlio Vargas, o golpe militar seguido de um longo período de ditadura e conseqüentemente de repressão, e principalmente, o sonho de uma geração, que tinha como objetivo a construção de uma nova sociedade, uma geração cujos princípios era transformar o mundo, em busca de uma sociedade mais justa para todos.

Nesse contexto, Valdo não reconta a sua história, entrelaçada com a história do país, apenas para esclarecer as origens do neto, ou para encontrar respostas às perguntas que não obtivera no passado, mas principalmente para problematizá-las, do ponto de vista do filho de um capataz de estância do Rio Grande do Sul, que embarcou para o Rio de Janeiro quando adolescente, movido pela expectativa de tornar-se um líder revolucionário e por ironia do destino, fora obrigado a trabalhar na obra de construção do Cristo Redentor, a ver os seus amigos perseguidos pela repressão, a desfazer-se dos seus livros, e a voltar para a terra onde nasceu sem ter conseguido cumprir a promessa que fizera ao amigo Geninho, sem ter encontrado Astrojildo Pereira, sem filiar-se ao Partido e, finalmente, liderar as massas rumo a revolução proletária. E como se isto não bastasse, talvez tenha se transformando exatamente no burguês que tanto odiara na adolescência.

Portanto, e sob este ponto de vista, não seria de fato possível encontrar respostas para tantas perguntas, no entanto, é possível sim problematizar, é possível sim apontar para outras possibilidades de contar a história, ou seja, problematizando o passado, questionando-o, não em busca de uma única resposta, mas em busca de uma multiplicidade, de uma variedade de respostas, que nos levariam a uma variedade de possibilidades de interpretação das verdades; e é justamente esta a relação que ficção e história mantêm no romance *Eu vos abraço, milhões*, de Moacyr Scliar.

Assim, podemos concluir que apesar da diferença relacionada ao foco narrativo e conseqüentemente a forma de recuperação da memória empreendida pelos narradores dos romances analisados, eles partiram de um ponto em comum, ou seja, do recebimento e leitura de uma carta como pretexto para iniciar as suas narrativas. Além disso, a relação entre ficção, história e memória observada nos romances é de recuperação do passado, tanto o individual quanto o coletivo, através da memória, e de problematização dos acontecimentos históricos pela ficção.

Referências Bibliográficas

- ARRIGUCI Jr, Davi. *Outros achados & perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. *Entre orientes: viagens e memórias a narrativa relato de um certo oriente, de Milton Hatoum*. Campinas, SP: 1998.
- FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance brasileiro pós-64*. São Paulo: Edunesp, 1998.

- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Heloísa B & Gonçalves, Marcos A. *Política e literatura: a ficção da realidade brasileira – anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1980.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- LAJOLO, Marisa. *Sociedade e Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- LYOTARD, François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- RESENDE, beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCLIAR, Moacyr. *Eu vos abraço, milhões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SILVERMAN, Malcom. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Porto Alegre/São Carlos: Editora da Universidade/EdUfscar, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed, 1979.

i **Haidê SILVA (Prof.^a Dr.^a)**

Instituto Superior de Educação Alvorada Plus (ISEAP)
haidesilva1@terra.com.br
haidesilva@hotmail.com